



Menção Honrosa do Prêmio
Alfredo Machado Quintela
FNLIJ 1985

Giselda Laporta Nicolelis
**O sol
da liberdade**

Ilustrações: Mozart Couto

23ª edição



 **Atual**
Editora

Série Entre Linhas

Editor • Henrique Félix

Assistente editorial • Jacqueline F. de Barros

Preparação de texto • Lúcia Leal Ferreira

Revisão • Pedro Cunha Jr. e Lilian Semenichin (coords.) / Elza Maria Gasparotto
Célia Regina do N. Camargo / Edilene M. dos Santos / Camila R. Santana

Gerente de arte • Nair de Medeiros Barbosa

Supervisão de arte • José Maria de Oliveira

Diagramação • Edsel Moreira Guimarães

Projeto gráfico de capa e miolo • Homem de Melo & Troia Design

Coordenação eletrônica • Sílvia Regina E. Almeida

Impressão e acabamento •

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar • Ivana Calado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nicolelis, Giselda Laporta

O sol da liberdade / Giselda Laporta Nicolelis ; ilustrações
Mozart Couto. – 23. ed. – São Paulo : Atual, 2004. – (Entre
Linhas: Sociedade)

Inclui roteiro de leitura.

ISBN 978-85-357-0442-6

1. Literatura infantojuvenil I. Couto, Mozart. II.
Título. III. Série.

04-1564

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

18ª tiragem, 2019

Copyright © Giselda Laporta Nicolelis, 1994.

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810474

CAE: 602608

*Brasil, meu Brasil, brasileiro
meu grande guerreiro,
berço e nação.
Zumbi, protetor/guardião/padroeiro,
mandai alforria
pro meu coração...*

(Quilombo – Gilberto Gil.)

Para Clóvis Moura (in memoriam).

*Agradeço à Associação dos Ex-Combatentes do Brasil (FEB),
que me facilitou as pesquisas – em especial aos sargentos
Daniel Lacerda e Romeo Correa, que permitiram o uso de seus
comoventes diários de guerra; e a todos que, de uma
forma ou de outra, ajudaram neste livro.*

Sumário

Primeira parte: 1825 a 1905

África – 1825	10
Ação	16
Delação	23
Ação/Repressão	29
Ainda resta uma esperança	35
A família se desloca	42
A fazenda	49
Quilombos	56
Uma grande amizade	63
O treze de maio	70
O novo eldorado	78
Novos rumos	83
Uma nação branca?	89
Mudanças	96
1905... Fazenda Santa Rita: Ribeirão Preto	101

Segunda parte: 1905 a 1985

Oitenta anos depois...	104
A história para trás...	109
A saga de um rei	116
Voluntários...	122

Lembranças da guerra 128

O fim da guerra 135

A oitava geração 141



A autora 151

Entrevista 153

Bibliografia de apoio ao texto 159

Sites para leitores interessados 160

Primeira parte: 1825 a 1905



África – 1825



Os tambores começaram a tocar logo cedo, anunciando a batalha. Namonim, o rei ioruba, falou a seus guerreiros:

– Chegou a hora da luta... seremos senhores ou morreremos com honra...

Ajahi se aproximou. Era o primogênito, herdeiro do trono. Depositário de todas as esperanças da tribo. Em volta, pela imensa floresta, que se estendia a perder de vista – sobre a qual o sol acabara de nascer, pondo um reflexo de vida em cada coisa –, estavam as tribos inimigas. Ajahi se perguntava por que não seriam todos amigos, formando uma única e verdadeira nação. Mas os ódios eram antigos e vários, e cabia a ele, o primogênito, apenas honrar e venerar a vontade do pai, Namonim, o rei todo-poderoso dos iorubas.

– Você, filho – disse Namonim –, chame seus guerreiros e venha comigo para o campo de batalha. Ou venceremos juntos ou cairemos na sanha dos inimigos...

– Sempre a seu lado, pai – disse Ajahi, tomando a lança.

Em volta deles, pintados para a guerra, dançavam os guerreiros... arcos e flechas preparados. Eram decididos e fortes, especialistas na arte da guerra. Não sabiam o que era medo.

Quando o sol ficou quase a pino, Namonim marchou, acompanhado de seus bravos, ao encontro do inimigo. No meio da floresta

se encontraram face a face. Ardia um ódio ancestral no rosto daqueles homens. Quando, finalmente, o sol se pôs, o chão estava juncado de cadáveres... tanto de um lado quanto do outro.

Namonim foi vencido na batalha. E, antes de ser aprisionado, varou o peito com a própria lança, para morrer como soberano. Ajahi e outros guerreiros foram feitos prisioneiros e, pior que isso, entregues pelo obá, o vencedor, a um traficante de escravos que já esperava pelos vencidos. Era sempre assim, bastava esperar. Divididos por ódios e ídolos, eles guerrearão entre si: haveria sempre quem herdasse os despojos humanos. Para encher com eles os porões dos tumbeiros, que esperavam nos portos sua carga funérea.

Ajahi lutou muito e só amarrado conseguiram arrastá-lo para longe do corpo do velho pai, que já penetrara os sombrios mistérios da morte. Apanhou muito até chegar ao depósito de negros, o tangomau gritando:

– Ande, negro sujo, seu destino está selado... Morrerá escravo numa plantação do Brasil.

Outros o seguiam na mesma sorte. Alguns da própria tribo, mas não muitos; eram espertos aqueles traficantes de negros. Faziam uma boa mistura na hora de selecionar os escravos antes de enviá-los para determinada parte do Novo Mundo, a América.

Sabiam que se juntassem negros da mesma tribo, falando o mesmo idioma, unidos por religiões e costumes idênticos, estariam facultando-lhes a união e a organização de sedições junto com seus líderes. Então, na hora do embarque eram deliberadamente separados na medida do possível. Desde a África, já viajavam, desconhecidos entre si, apenas malungos, companheiros de viagem, quinhentos negros falando idiomas diferentes, sem comunicação uns com os outros, isolados e submissos.

Continuaram apanhando, enquanto subiam para o tumbeiro, até serem jogados no porão úmido, infecto, cheirando a detritos humanos, sem ventilação ou luz. Ali, Ajahi foi empilhado com outros companheiros, meia dúzia talvez, a maioria de outras tribos, todos apavorados, sem nenhum amigo por perto.

Foi ali, naquele porão imundo, que Ajahi, encolhido a um canto,

como animal perseguido na floresta, jurou, em nome de Namonim, seu pai, o rei ioruba, que preferiria a morte à desonra:

– Nunca me submeterei à escravidão. Ainda que eu morra, serei livre novamente!

Falara a meia-voz para si mesmo. O agente do navio ouviu. O bacalhau, a chibata de pontas, cortou seu rosto, deixando a primeira marca, enquanto o homem gritava, em ioruba:

– Não resmungue, negro!

Lentamente, o tumbeiro, com sua carga nefanda de homens escravos, deixava o porto e a pátria, enquanto o sol também sumia no horizonte, por trás das densas florestas dos ancestrais.

Ajahi, no seu canto, cerrou os dentes. Pela sua memória passou o cheiro das plantas, o doce sabor do beiju que a mãe preparava ao raiar do dia e que todos comiam juntos à noite, o ruído da mata estalando a seus pés, quando saía para a caça, e sobre sua cabeça sentiu a mão do pai e ouviu a sua voz:

– Um ioruba não se rende no campo de batalha... um ioruba nunca será escravo de ninguém... livre nasceu... livre morrerá...

Namonim era agora como um velho tronco, apodrecendo na mata que ele tanto amara. Mas deixara a Ajahi um legado precioso: a luta pela liberdade!

Alguém começou a cantar, um canto indecifrável, desconhecido. Era uma mulher, no canto do porão, sentindo talvez a mesma coisa que ele, separada da família, dos filhos... Então, dos lábios de Ajahi brotou uma prece:

– Mãe, minha mãe, onde quer que você esteja, sinta no cair da tarde a minha despedida... eu lhe digo adeus, como o galho que se desprende da árvore... pense em mim, minha mãe, minha raiz.

Vinda do meio da floresta, uma aragem bateu no cabelo da mulher que espera, olhos inquietos e oblíquos cravados na mata escura. Uma dor toma seu coração e ela sabe que nunca mais verá nem Namonim, o homem amado, nem Ajahi, seu filho primogênito. Lágrimas rolam pelo seu rosto, misturando-se às gotas de chuva que começam a cair.

No tumbeiro, o canto cessou de repente. Como se a dor fosse maior que tudo, e como se todos adivinhassem, transidos de medo

e molhados de suor, que já não são pessoas: são coisas, animais de tração a serviço de um senhor!

A viagem foi terrível. O navio jogava, e aquelas centenas de homens e mulheres caíam uns sobre os outros. Alguns enjoavam, vomitando sobre os demais. Uns se lamentavam alto, ao que um companheiro do lado gritava, também em idioma diferente:

– Cale a boca, idiota!

Mas o outro não entendia e continuava suas lamúrias. Uma mulher grávida começou a passar mal. Abortou ali mesmo, no porão, a trilha de sangue em volta dela, enquanto gemia e chorava, os cabelos empastados de suor. Uma companheira acudia-a, desajeitada, embora não compreendendo sua língua.

Ajahi, unido aos companheiros de tribo, comentou:

– Assim que sairmos do navio, fugiremos...

– Para onde, Ajahi? – gemeu Dada, a um canto. – É como disse o homem, morreremos escravos lá nessa terra estranha... que nome tem mesmo?

– Brasil – repetiu José. – Ele fala a minha língua. Eu pego ele de jeito, na primeira oportunidade.

– E mata a todos nós – disse Dada. – Espere, irmão, a hora da chegada. Se não fugirmos na hora, fugiremos depois. Devem existir matas por lá, como aqui.

Nesse instante jogavam a comida no porão do navio.

Baldes com um caldo ralo e fedorento e pedaços de pão velho. Havia também os baldes de água, desesperadamente disputados, porque o calor era imenso. Às vezes, na avidez da posse, o navio jogava, e a água rolava pelo chão sem que ninguém a aproveitasse.

A mulher que abortara morreu no dia seguinte. Ficou horas ali estendida, até que o agente levasse o corpo, arrastando-o pela escadaria como a um animal abatido. E o cheiro de sangue ainda ardia no ar, como um mau presságio.

Cada vez que o fiscal aparecia, Ajahi levava inconscientemente a mão ao rosto ferido, onde ficara uma cicatriz avermelhada. O que doía mais fundo era sua alma, seu desejo avassalador de liberdade. Mas teria ainda muito a suportar.

Durante três meses ficaram empilhados naquele porão, muitos

sóis e luas. Na pouca claridade, não dava para saber se era noite ou dia. A luz filtrava vagarosa e trêmula por uma pequena abertura lateral que também deixava entrar o ar. Assim mesmo o ambiente era extremamente abafado, e muitos acabaram morrendo sufocados ou à míngua de água ou alimentos, disputados pelos mais fortes e ágeis. As mulheres sofriam mais, pois eram sempre as últimas, por serem mais fracas. Mas havia poucas a bordo. A maioria era de homens, preferidos pelos senhores de escravos porque renderiam mais nas lavouras. As negras eram escolhidas a dedo pelo porte e beleza, porque teriam outras utilidades.

Finalmente, o navio atracou, e o agente apareceu, chibata na mão, falando, como sempre, ioruba. Os negros se entreolhavam, assustados, pois – fora Ajahi e seus companheiros – não conheciam nenhuma palavra no dialeto ioruba. Mas o tom da voz era ameaçador:

– Chegamos, seus bastardos. Em fila, em fila, que vamos desembarcar para o depósito de negros novos. Nem um pio, hein, já sabem. Senão é chicote. Não me façam perder a paciência, seus negros sujos!

O sol feriu os olhos acostumados tantos dias à escuridão do porão do navio negroiro... Ajahi cobriu o rosto com as mãos. Havia um cheiro de maresia, e o céu era muito claro. Era uma terra bonita aquela, até parecida com a dele... mas pouco tempo teve para se deslumbrar com a paisagem, porque os agentes agrediam os negros que desciam pelas escadas, alguns tropeçando e embolando no meio do caminho. Um negro caiu no mar e, embora pedisse socorro, ninguém o acudiu. Pereceu afogado, enquanto o agente comentava:

– Paciência, sobe-se o preço dos demais. Não sou eu que vou me atirar ao mar só pra salvar um negro...

– Calma, companheiro – pediu o outro. – Se todos caem no mar, cadê nosso lucro? Podia ter atirado uma corda para o negro.

O outro cuspiu com desprezo:

– Atirasse você, que tem coração tão mole, a tal corda. Viu como afundou como uma pedra, o animal?

Falava em ioruba e Ajahi ouvia. Seu sangue ferveu nas veias... mas tudo a seu tempo. Chegaria a hora de fazê-lo engolir essas palavras. Então se veria quem era o animal entre eles.

Foram lançados pelo pombeiro no tal depósito de escravos novos.

Ajahi ouviu os fiscais conversando com um homem vestido de branco, grandalhão. Falavam agora uma língua estranha que ele não entendia.

– Tudo preparado para o leilão, senhor. São trezentos escravos de diversas regiões da Guiné. Tivemos o cuidado de misturá-los bem, não há perigo algum de rebelião. São uns pobres coitados apavorados. Mas estão numa sujeira incrível. Carecia dar-lhes um banho para pegar um bom preço. Que acha? Morreram uns duzentos, que foram lançados ao mar e aos peixes.

– Pois cuidem de tudo. Joguem-lhes umas tinas d’água fria. Cuidado com as peças, rapazes. Há alguma negra bonita entre eles?

Um dos agentes sorriu, manhoso:

– Capturamos uma princesa nagô, especialmente para o senhor. É de uma beleza incrível, para quem gosta, naturalmente. Eu, por mim...

– Pois trate de limpar essa beleza negra e me traga imediatamente, mas cheirando a banho tomado, hein? Olhe lá naquele baú, tem umas roupas que devem servir. Há outras iguais?

– Uma meia dúzia, patrãozinho, não tão lindas, mas dão para o gasto.

– Pois trate de aprumá-las bem, que alguns dos que vêm para o leilão gostam de negras jovens e bonitas, para o seu harém particular.

– Tudo como o senhor mandar, patrão.

O agente foi cumprir ordens. Passou perto de Ajahi. Tinha uns olhos, aquele negro pretensioso. Provavelmente diria que era filho de rei, como tantos outros no passado. Cuspiu novamente, a saliva desceu pela perna de Ajahi, escorreu até o chão.

– Entende a língua que eu falo, negro? – disse o agente, acendendo um charuto e falando novamente em ioruba.

– Entendo – disse Ajahi.

– Nagô piolhento. – O agente riu. – Pois trate de obedecer cegamente. Não gosto de negro metido a líder, a provocar tumulto. Se brincar em serviço, vai para o tronco, levando cem açoites. Sabe o que são cem açoites, negro?

– Não, senhor.

O outro riu:

– Viu a saliva, cem açoites é sangue escorrendo como escarro. Se cuide, negro, ou mando você para o tronco!